

DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES E BILÍNGÜES*

Elaine Therezinha ASSIRATI**

RESUMO

O presente estudo focaliza os dicionários monolíngües e bilíngües, mostrando algumas de suas características principais e comparando-os entre si, relativamente à sua microestrutura. Faz uma análise crítica dos pontos negativos que esses podem apresentar ao estudante.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionários monolíngües e bilíngües. Aspectos lexicográficos. Microestrutura. Dicionário escolar bilíngüe. Estudante.

Os primeiros trabalhos de cunho lexicográfico remontam a séculos atrás. É no início da Era Moderna, porém, com o desenvolvimento da cultura renascentista e a introdução da imprensa, que a lexicografia ocidental toma um grande impulso. O primeiro tipo de obra lexicográfica a ser produzida foi o dicionário bilíngüe. Vieram também junto com os bilíngües os plurilíngües. Alguns dicionários monolíngües foram aparecendo nessa época, sendo que os primeiros deles foram denominados “thesaurus”, como o *Thesaurus linguae latinae* (1532), de Robert Estienne, e o *Thesaurus graecae linguae* (1572), de Henri Estienne.

Os dicionários monolíngües orientam-se, sobretudo, em direção ao papel do emissor lingüístico, em que o conteúdo dos significantes é explicado na mesma língua desse emissor; o dicionário bilíngüe, por sua vez, não indica apenas o conteúdo dos significantes, mas também a sua tradução em outra língua.

Werner (1982:285) faz uma crítica ao afirmar que se encara como “algo normal e natural” o fato de o dicionário bilíngüe trazer, no lugar da definição monolíngüe do significado, equivalentes por tradução; dessa maneira, se poderia pensar que os dicionários bilíngües têm a única e exclusiva função de instrumentos para a tradução. Para o Autor, é possível estabelecer uma grande diferença entre a definição ou explicação lexicográfica do monolíngüe e a do bilíngüe, já que aquele descreve quais conteúdos são correspondentes a determinados significantes de uma língua, e este, quais significantes de uma língua de destino correspondem a determinados significantes de uma língua de partida. Assim, os dicionários bilíngües não são apenas usados para a tradução, mas também utilizados da mesma forma que os monolíngües, pois, de acordo com Werner, o usuário do dicionário bilíngüe muitas vezes busca não somente traduzir enunciados lingüísticos possíveis ou realizados em outra língua, mas compreender esses enunciados ou produzi-los, partindo de conceitos.

No que se refere à elaboração e à utilização, tanto o bilíngüe quanto o monolíngüe apresentam problemas teóricos relevantes. Considerando-se que o problema teórico básico da tradução é o de que as estruturas léxicas de diferentes línguas não se correspondem, deve-se levar em consideração esse fato na elaboração dos dicionários para a tradução, ou seja, os bilíngües. Aqueles que se dedicam à tarefa da tradução sabem

* Parte de um dos capítulos de minha tese de Doutorado (Assirati, 2002)

** Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (FATEC/TQ) – Av. Dr. Flávio H. Lemos, 585 – Portal Itamaracá – 15.900-000 – Taquaritinga, SP, Brasil.

Faculdade de Educação São Luís – Rua Floriano Peixoto, 873 – Centro – 14.870-370 – Jaboticabal – SP, Brasil.
eassirati@ig.com.br

que dificilmente encontrarão na língua de destino significantes com um conteúdo idêntico ao conteúdo dos significantes da língua de origem. O ideal para um tradutor é buscar um texto cujo conteúdo concorde em um maior número possível de elementos essenciais com o conteúdo do texto da língua de origem. Por isso, o problema da equivalência no bilíngüe é, na maioria das vezes, complexo.

Um outro problema que surge na confecção de um bilíngüe é que, às vezes, não há na língua de destino nenhum item lexical que possa cumprir a função de equivalente do termo na língua de origem. Para solucionar esse problema, Werner propõe que seja dada no lugar de um equivalente, uma definição ou uma paráfrase, segundo o modelo adotado pelo monolíngüe. No seu ponto de vista, as definições devem ser colocadas em relevo nesses dicionários, em letras diferentes, parênteses ou outras maneiras, para que se distingam dos equivalentes de tradução.

Obstáculo a ser enfrentado pelo lexicógrafo é saber em que língua devem ser dadas as diferentes instruções que os equivalentes requerem, por exemplo, as abreviações correspondentes às marcas de uso, que aparecem com muito mais frequência nos monolíngües do que nos bilíngües, já que este visa, em primeiro lugar, fornecer os equivalentes lexicais.

Biderman (1984) considera que o dicionário bilíngüe trata da correspondência das palavras entre duas línguas, indicando a tradução do termo de uma língua na outra língua, cumprindo, assim, uma dupla função: a decodificação e a codificação, donde podemos entender que o dicionário bilíngüe possui uma função puramente metalingüística, em que não se manifesta a ambivalência signo/coisa, mas sim a correspondência entre signos de códigos diferentes Rey-Debove (1970).

Um ponto de enorme relevância é que, levando-se em conta que o bilíngüe trata de duas línguas, é inquestionável que os sistemas lingüísticos, a visão de mundo e a cultura apresentem muitas diferenças entre uma língua e outra. A realidade externa à língua pode ser apreendida de modo semelhante por todos os falantes, mas cada língua tem seu modo particular ao fazer descrições, recortes e denominações. Assim, ao elaborar os verbetes de seu dicionário, o lexicógrafo deve sempre levar em conta essas diferenças de recorte, Duval (1990), e proceder a uma análise sêmica dos vocábulos na língua de origem e na língua de destino, a fim de determinar a equivalência; caso não haja equivalente, deve recorrer à definição. O dicionarista também não pode esperar encontrar sempre uma relação unívoca: muitas vezes uma unidade lexical de uma língua equivalerá a mais de uma unidade lexical na outra, pois os sentidos das palavras dificilmente se recobrem por inteiro. Por outro lado, o tradutor cauteloso deve utilizar não apenas dicionários bilíngües, mas também monolíngües de vários tipos, que possam fornecer-lhe o conhecimento preciso da denotação, das conotações, bem como o leque de aplicações do vocábulo em questão, para assim diferenciá-lo dos possíveis sinônimos, tanto na língua de origem quanto na língua de destino Haensch (1982). Deve ainda ter em mente um outro problema: da tradução do dicionário para a tradução do texto, mesmo a mais precisa, ocorrerão sempre diferenças, uma vez que o percurso é do nível da língua para o do discurso, onde os vocábulos são contextualizados.

Conforme já comentei, fato bastante condenável é a apresentação de uma série de sinônimos ou traduções, colocados lado a lado e separados apenas por uma vírgula, sem que sejam referidas as diferenças de significados ou usos. Em outras palavras, não há exemplos para que se possa compreender a palavra em diferentes contextos em que esta possa aparecer, o que impede ao usuário, que possui pouco conhecimento da língua estrangeira, escolher a equivalência mais adequada para o seu contexto. BARNSTONE (1993:115, *apud* Schmitz, 1998:163) resume esse tipo de dificuldade nas seguintes palavras:

“Um dicionário bilíngüe procura a equivalência e não visa, em primeiro lugar, definir. Este tenta traduzir com fidelidade e literalmente, mas deixa a decisão da escolha apropriada para o tradutor.”

Para demonstrar algumas das principais diferenças bem como características comuns entre os dicionários bilíngües e monolíngües, no que concerne à sua microestrutura, Haensch apresenta o esquema que se segue:

VERBETE DE UM DICIONÁRIO (= MICROESTRUTURA) ¹	
<i>Dicionário (lingüístico) monolíngüe</i>	<i>Dicionário bilíngüe</i>
Enunciado do lema (ou palavra-guia ou palavra-entrada).	Enunciado do lema.
Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas (localização geográfica, nível lingüístico, conotações, etc).	Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas.
Definição (e outras explicações) sobre o significado e as diferentes acepções.	Equivalente na língua de destino das diferentes acepções da palavra-entrada.
Parte sintagmática: indicações sobre o uso da palavra em contextos com exemplos, indicações sobre colocação, construção e regime, modismos, frases feitas e refrões.	Parte sintagmática: exemplos de aplicação, colocação, construção, modismos, frases feitas, etc, porém sempre com o equivalente na língua de destino.
Às vezes, parte paradigmática: sinônimos, antônimos, parônimos, hipônimos, hiperônimos.	Em geral, não há uma parte paradigmática nos dicionários bilíngües.

Esquema de verbete de Haensch

A partir do esquema apresentado, exemplifiquemos com um verbete, tomado aleatoriamente, os elementos que compõem a microestrutura dos dicionários, tendo como base os monolíngües *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English (O)* e *Collins Cobuild Essential English Dictionary (CC)* e os bilíngües *Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês (DOE)* e *Longman English Dictionary for Portuguese Speakers (LED)*:

¹Tradução minha

Quadro 1- Composição da microestrutura de dicionários monolíngües

Dicionários monolíngües

Monolíngües	Enunciado do lema	Indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e léxicas	Definição / significado e acepções	Uso
O	Dessert	/dI'z 3: t/ (a) n [C] (b) [U]	(a) any sweet food eaten at the end of a meal. (b) the course in which this dish is served.	(a) <i>a pineapple dessert • the dessert trolley</i> (eg in a restaurant). See also SWEET ² , AFTERS, PUDDING (b) <i>What's for dessert? • a dessert apple / wine</i>
CC	Dessert	/dI'z 3: t/, desserts	Dessert is something sweet, such as fruit or a pudding, that you eat at the end of a meal.	EG <i>For dessert there was ice cream</i>

Quadro 2- Composição da microestrutura de dicionários bilíngües

Dicionários bilíngües

Bilíngües	Enunciado do lema	Indicações fonéticas, ortográficas gramaticais e léxicas	Definição / significado e acepções
DOE	Dessert	/dI'z 3: t/ (tb sweet) s	Sobremesa
LED	Dessert	/dI'z 3: t -3rt/ / nu	fruit, nuts and sweet things eaten at the end of a meal. [sobremesa]

Observando o esquema de Haensch, o que chama a atenção são as lacunas deixadas tanto pelos monolíngües quanto pelos bilíngües. Tanto no *O* como no *CC* constatamos a falta de uma parte paradigmática; há uma lacuna deixada pela ausência de sinônimos, antônimos, parônimos etc, nesses dicionários. No que diz respeito aos bilíngües, a falta de exemplos é um ponto bastante negativo para ambas as obras, assim como a ausência de sinônimos, antônimos etc. Também no que se refere à definição, notamos que o *DOE* opta pelo mínimo de informação, oferecendo ao consulente apenas um equivalente, expresso por meio da tradução, o que ocorre em muitos dos seus verbetes. Já o *LED* apresenta uma definição em inglês, muitas vezes esclarecedora, além do equivalente em sua forma traduzida, podendo-se dizer que se trata de um dicionário monolíngüe e bilíngüe,

ao mesmo tempo.

Partindo-se desse princípio, não podemos concordar plenamente com as palavras críticas de Alvar Ezquerria (1981): segundo o Autor, há uma enorme redução do léxico, ao se passar do monolíngüe para o bilíngüe, razão pela qual atribui a preferência dos aprendizes, em fases mais avançadas do aprendizado da língua inglesa, pelo dicionário monolíngüe. Em parte Ezquerria tem razão, quando denuncia essa redução do léxico nos bilíngües e a preferência pelos monolíngües, por parte dos alunos cujo conhecimento do inglês é maior, mas não está totalmente certo quando exagera a qualidade dos monolíngües, ao ignorar as falhas que também esses apresentam, conforme mostra o exemplo dado.

O lexicógrafo também deve levar em conta que, diferentemente de outras obras culturais, o dicionário é um produto a ser consumido pelo grande público, isto é, pelos leigos e não pelos lingüistas. Desse modo, tem que estar atento às expectativas e necessidades desse grande público, no que diz respeito à composição da sua nomenclatura, bem como em relação a vários outros aspectos, os quais a elaboração de sua obra envolve, para não decepcionar os seus consulentes.

Quanto à seleção das entradas, pode-se afirmar que o critério mais confiável é o de frequência. Tanto os monolíngües quanto os bilíngües costumam apresentar sua nomenclatura em ordem alfabética, uma vez que esse princípio de classificação facilita a consulta da obra lexicográfica por aquele que a utiliza. Os dicionários assim organizados são os semasiológicos, os quais ordenam por significantes; já os onomasiológicos, que organizam a macroestrutura por conceitos, geralmente não obedecem à classificação alfabética.

De fato, cabe ao dicionarista reunir na obra lexicográfica o repertório lexical mais utilizado na sua sociedade, e não incluir termos raramente utilizados, sobretudo no que diz respeito aos dicionários escolares, com finalidades pedagógicas, de tamanho mais reduzido e, portanto, com uma nomenclatura mais limitada. Entretanto, seja qual for o tamanho do dicionário, o lexicógrafo deve preocupar-se em não deixar de incluir na sua nomenclatura todas as palavras empregadas nas definições e nos exemplos que compõem os verbetes. Também um termo de equivalência zero na língua estrangeira não deve ser excluído da nomenclatura do dicionário, se o critério aplicado com base na frequência de usos o tiver selecionado.

Uma outra questão à qual o lexicógrafo deverá estar atento é relativa às modificações que ocorrem nas línguas, em virtude das inovações inerentes a seu léxico, pois o dicionário deve ser, de certa maneira, um testemunho de sua época. Assim, deverá ser constantemente renovado e atualizado para que seja sempre uma obra viva, rejeitando o conceito tradicional de dicionário “como obra morta em cujas páginas se cultuam as palavras sem nenhuma utilidade” ALVAR EZQUERRA (1981:189), tradução minha, e também para que possa atender melhor às suas finalidades didáticas.

Além das reflexões sobre dicionários monolíngües e bilíngües, parece-me oportuno tecer algumas considerações sobre os dicionários *escolares* bilíngües e a sua função pedagógica.

Pode-se dizer que todos os dicionários, independentemente da sua natureza, possuem um caráter pedagógico ou didático, na medida em que se propõem a oferecer ao usuário as informações lingüísticas das quais este necessita para a decodificação da língua, bem como a efetiva realização de sua comunicação, quer oral, quer escrita.

ALVES e ANTUNES (1998:125) afirmam que “Na verdade, todo dicionário – seja monolíngüe ou bilíngüe, enciclopédico ou de língua, seletivo ou geral – tem um caráter pedagógico e apresenta, assim, um cunho normativo, impositivo mesmo, já que se atribui ao lexicógrafo o poder de registro a respeito do significado, do uso e do funcionamento de uma unidade lexical.”

Por conseguinte, é correto esperar que os dicionários escolares, direcionados especialmente aos aprendizes de uma língua, possuam um caráter pedagógico no seu sentido estrito. Mas será que esses dicionários, sobretudo os bilíngües utilizados pelos alunos brasileiros, estão cumprindo plenamente sua função pedagógica, isto é, estão realmente ensinando e orientando o aprendiz? A meu ver, estão longe disso, como mostram alguns aspectos lexicográficos analisados neste artigo.

Não se pode negar que a maior parte dos estudantes, qualquer que seja o grau de aprendizagem em que se situe, necessita desse instrumento indispensável, para que tenha a possibilidade de desenvolver sua capacidade de expressão e compreensão lingüística, e, então, ampliar o seu vocabulário. Daí a minha indagação: estarão os dicionários em geral cumprindo sua função pedagógica? Como uma resposta, faço das palavras de Hernández (1989), as minhas: os dicionários classificam-se como “básico”, “fundamental”, “escolar” etc, porém, ao manuseá-los, observamos que são meras “reduções inorgânicas” de dicionários gerais, deixando muito a desejar para todos aqueles que acreditaram na sua proposta, exibida já na introdução da obra. A questão que se impõe é, pois, buscar um modelo de dicionário que se preocupe em sanar as carências e deficiências geralmente apresentadas, para que possa cumprir efetivamente a função que lhe cabe: didático/pedagógica.

ABSTRACT

The present study focuses the monolingual and bilingual dictionaries, showing some of their main features and comparing them in relation to their microstructure. It offers a critical analysis of the negative aspects they may present to the student.

KEYWORDS: Monolingual and bilingual dictionaries. Lexicographic aspects. Microstructure. Bilingual school dictionaries. Student.

REFERÊNCIAS

- ALVAR EZQUERRA, Manuel. Los diccionarios bilíngües: su contenido. *Lingüística Española actual*. Madrid, ICI, v.3 (1), p.175-96, 1981.
- ALVES, Ieda M. & ANTUNES, Letizia Z. Dicionário básico italiano-português. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, UFMS, p.125-28, 1998.
- BARNSTONE, W. *The poetics of translation*. History, Theory, Practice. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. In: *Alfa*. São Paulo: UNESP, v.28 (supl.): 27-43, 1984.
- COLLINS COBUILD Essential English Dictionary. London: Collins, 1989.
- DICIONÁRIO OXFORD ESCOLAR para Estudantes Brasileiros de Inglês. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DUVAL, A. Nature et valeur de la traduction dans les dictionnaires bilíngües. *Cahiers de Lexicologie*, Paris,

56-7, 1990.

HAENSCH, Günther *et al.* *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HERNÁNDEZ, Humberto. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Niemeyer, 1989. (Lexicographica: Series maior; 28)

LONGMAN Dictionary of Contemporary English. 3. ed., England: Longman, 2000.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary of Current English. 5. ed., Oxford: Oxford University Press, 1995.

REY-DEBOVE. Le domaine du dictionnaire. In: *Languages*, n.19. Paris: Larousse, p.3-34, 1970.

SCHMITZ, John Robert. A problemática dos dicionários bilíngües. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, UFMS, 159-68, 1998.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. *et al.* *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p.259-328, 1982.